

A GRIPE ESPANHOLA EM VARGINHA (MG) 1918
Memória de uma tragédia

JOSÉ ROBERTO SALES

Varginha – MG
Gráfica Editora Sul Mineira – 2004

Sales, José Roberto, 1957-

A gripe espanhola em Varginha (MG) ; 1918 :
Memória de uma tragédia / José Roberto Sales ;
revisado por Antônio José de Meira, José Roberto
Custódio e Maria de Lourdes Figueredo Saullo. - -
Varginha : Gráfica Editora Sul Mineira, 2004
56 p.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN 85-901508-5-2

1. Saúde pública – Varginha – MG. 2. Gripe espanhola – Varginha – MG. 3. Doença de região.
I. Custódio, José Roberto; rev.II. Meira, Antônio José de; rev. III. Saullo, Maria de Lourdes Figueredo, rev. III.

Título.

CDD – 614.5998151

JOSÉ ROBERTO SALES

Presidente da Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências
2003-2005

Psicólogo. Especialista em psicologia clínica. Pedagogo. Especialista em orientação educacional. Pós-graduado em pedagogia. Professor do ensino secundário e superior. Especialista em saúde pública. Capacitado em gestão de documentos de arquivo. Capacitado em Desenvolvimento e Gestão Cultural. Coordenador regional de saúde mental – SUS/MG. Vice-presidente do Colegiado Estadual de Saúde Mental – SUS/MG. Escritor, editor e produtor cultural.

A GRIPE ESPANHOLA EM VARGINHA (MG) 1918 Memória de uma tragédia

REVISÃO TÉCNICA DE TEXTO

Antônio José de Meira

Presidente da Associação Mineira de Epidemiologia

José Roberto Custódio

Especialista em Epidemiologia em Serviços de Saúde
UFMG

REVISÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Maria de Lourdes Figueredo Saullo

Especialista em Literatura Geral e Brasileira
Universidade de Taubaté – SP

Copyright © José Roberto Sales, 2004

Tiragem: 100 exemplares. 1ª edição.

Exemplar de n.º:

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro,
por qualquer meio e sistema,
sem o prévio consentimento por escrito do autor,
exceto as citações em trabalhos científicos
e nos veículos de comunicação, com citação da fonte.
Os direitos autorais reservados garantem a literalidade da obra.
Aos infratores se aplicam as penas descritas em Lei.

Gráfica Editora Sul Mineira. Varginha (MG).

Digitação e revisão final

José Roberto Sales

Capa

Casa de Caridade / Santa Casa de Misericórdia de Varginha.

Fundada em 1904. Fotografia de anônimo do “Álbum de Varginha”, de Sylvestre Fonseca & João Liberal. São Paulo : Pocaí & C, 1920 (p. 90).

Paginação e Capa

Luiz Ezequiel Sana Junior

DEDICATÓRIA

In memoriam

Aos varginhenses vítimas fatais da gripe espanhola e a todos aqueles que com seu trabalho profissional (médicos, farmacêuticos e outros), trabalho voluntário e ações de solidariedade puderam minorar o sofrimento dos doentes e a dor dos que sofreram pelas perdas.

PREFÁCIO

Neste estudo epidemiológico de José Roberto SALES você terá oportunidade de ver surgir diante de seus olhos admirados uma história que poucos conhecem.

O autor resgata a história local centrada no início do século XX, durante a grande pandemia da gripe espanhola, através de uma minuciosa pesquisa nos arquivos disponíveis.

Interessante o estudo, porque nos reporta aos primórdios do século XX, quando nos deparamos com a prática médica daquela época.

Identificamos peculiaridades específicas ocorridas no município. O brocardo latino *timor mortis conturbat me* que muito poderia ser aplicado à desordem emocional ocorrida durante a pandemia, não imperou em Varginha; sua população demonstrou grande solidariedade.

Enfim, trata-se de um trabalho único, indispensável à consulta, quando se fizer necessária a coleta de informações sobre a repercussão da Gripe Espanhola no município de Varginha.

Belo Horizonte, outono de 2004

Regina Coeli Magalhães Rodrigues
Médica e referência técnica em influenza
SES/SUS/Minas Gerais

SUMÁRIO

Dedicatória

Prefácio

Resumo

Summary

1.0 Introdução

2.0 Objetivos

3.0 Metodologia

3.1 Documentos

3.1.1 Livro n.º 10 dos assentos de óbitos da Paróquia de Varginha do ano 1915-1916-1917

3.1.2 Livro n.º 11 dos assentos de óbitos da Paróquia de Varginha do ano de 1917-1918

3.1.3 Livro n.º 1 do registro dos enterramentos no Cemitério Municipal.

3.2 Terminologia dos óbitos por gripe espanhola em Varginha

3.2.1 Primeiro óbito por gripe espanhola

3.2.2 Primeiro óbito com a expressão ‘influenza espanhola’

3.2.3 Último óbito com a expressão ‘gripe espanhola’

4.0 Resultados

4.1 Óbitos por sexo e faixa etária

4.2 Óbitos por dia e mês de ocorrência

4.3 Óbitos segundo a causa da morte

4.4 Óbitos segundo o sexo e mês de ocorrência

4.5 Óbitos de residentes e naturalidade

4.5.1 Famílias (Patronímicos)

4.6 Óbitos de não residentes

4.7 Classe social e ocupação

4.8 Coeficiente de mortalidade por uma causa

4.9 Coeficiente de mortalidade geral

4.10 Local de sepultamento: cemitério paroquial x cemitério municipal

- 4.11 Tratamento farmacológico e recomendações higiênicas
- 4.12 Reação dos varginhenses à epidemia
 - 4.12.1 Os memorialistas
 - 4.12.2 A população
- 5.0 Discussão.

Referências bibliográficas

Anexos

- Câmara Municipal: ata da sessão extraordinária de 13 de novembro de 1918
- Ficha de Identificação de Óbitos por Gripe Espanhola
- Tabela: Frequência de óbitos por influenza (Minas Gerais – 2000 – 2003)

RESUMO

Este livro apresenta um estudo sobre a epidemia de influenza espanhola em 1918, no município de Varginha, através da análise de dados de mortalidade. Na época, o município era constituído pela sede (Varginha) e pelo distrito de Carmo da Cachoeira.

O estudo tem por base documentos da Prefeitura Municipal (registro dos enterramentos) e da Paróquia do Divino Espírito Santo (assentos de óbitos).

A pesquisa revela a ocorrência de 184 óbitos por influenza espanhola no período de 18 de outubro de 1918 a 21 de janeiro de 1919. São analisados os coeficientes de mortalidade geral e de mortalidade por uma causa.

A classe social mais atingida foi a de baixo nível socioeconômico, constituída por lavradores e prestadores de serviços domésticos. As principais vítimas foram as crianças de ambos os sexos entre menores de um ano e 4 anos de idade (45,1%). A atitude da Câmara Municipal foi de omissão e o trabalho dos médicos, farmacêuticos e voluntários teve fundamental importância no atendimento aos doentes e suas famílias.

SUMMARY

This book presents a study about the epidemic of Spanish influenza in 1918, in Varginha (a municipal district of the State of Minas Gerais, Brazil), taken from an analysis of mortality of the region.

The study is based on documents from the city hall burial registry and of the Divino Espírito Santo church (obituary registry).

The research reveals the occurrence of 184 deaths by Spanish influenza during the period from October 18th, 1918 to January 21th, 1919. It analysed the average mortality quotient and the mortality rate from one cause.

The social class most affected was the lower socioeconomic class consisting of peasants and domestic workers. The main victims were children of both sexes between 0 to 4 years old (45,1%). The council ignored this situation and the doctors and pharmacists had an important responsibility in the seeing of the sick and their families.

Matthew Bernard James
Fresno, California - USA

1.0 - INTRODUÇÃO

O DICIONÁRIO HOUAISS (2001), apresenta o seguinte estudo da etimologia das palavras gripe e influenza:

O vocábulo *grippe* existe no idioma francês desde o século XIII com a acepção de ‘rapina, pilhagem e querela’. No século XVII o significado de gripe passou a ser ‘capricho súbito, antipatia, birra, prevenção contra alguém’. O sentido de ‘doença repentina’ data do século XVIII, de origem controversa, ou derivado do verbo *gripper* ‘agarrar, franzir, engancha’ ou por empréstimo de *grippe* ‘ação de agarrar’. Para COROMINAS o francês *grippe* viria do suíço alemão *grüpi* (1510), derivado do verbo *grupe* (*n*) que significa ‘abaixar-se, tremer de frio, achar-se doente’. O francês *grippe* internacionaliza-se como vocábulo médico e comum a partir da epidemia de 1743, iniciada na Itália, com o nome italiano *influenza*.

A palavra *influenza* (1363) origina-se do latim medieval *influentia, ae* (ação atribuída aos astros sobre o destino humano), de *influens, entis*, particípio presente de *influere* ‘influir’. A acepção ‘doença’ surge por se atribuir à influência dos astros, o surgimento de moléstias. O vocábulo chegou ao idioma português provavelmente por influência do francês *influenza* (1782) ou do inglês *influenza* (1743), após a epidemia iniciada na Itália em 1743. Para Antenor NASCENTES, a palavra vem do italiano *influenza (della stazione)* ‘influência da estação’, a saber, o frio do inverno. O vocábulo italiano passa às demais línguas no século XVIII.

Ainda segundo o HOUAISS (op. Cit.), no vocabulário popular os sinônimos de gripe são: constipação, engripção, influência, macaca, macacoa, polca e resfriado.

Desde os primórdios da pré-história o homem se depara com o furor quase sempre inesperado da natureza: tempestades, furacões, terremotos, maremotos, enchentes, erupções vulcânicas, doenças e epidemias. Diz FREUD (1974), em O futuro de uma ilusão, obra de 1927:

“Ninguém, no entanto, alimenta a ilusão de que a natureza já foi vencida, e poucos se atrevem a ter esperanças de que um dia ela se submeta inteiramente ao homem. Há os elementos, que parecem escarnecer de qualquer controle humano: a terra que treme, se escancara e sepulta toda a vida humana e suas obras; a água, que inunda e afoga tudo num torvelinho; as tempestades, que arrastam tudo o que se lhes antepõe; as doenças, que só recentemente identificamos como sendo ataques oriundos de outros organismos, e, finalmente, o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será. É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo¹ (...)” (p. 26-27).

O medo das epidemias é um dos temores atávicos da humanidade com capacidade de mobilizar as angústias mais profundas: o medo da morte, da perda, da mutilação. A ciência e a tecnologia atuais resolveram grande parte desses problemas, mas não deu e não dará nunca um controle total do homem sobre todas as adversidades. Qualquer crença nesse sentido é pura fantasia, como bem demonstrou Freud.

A gripe espanhola foi uma epidemia que assolou vários países no final de 1918 e início de 1919, e que se julgava ter sido trazida da Espanha. Na Inglaterra, ficou conhecida também como Flanders Gripe; Febre Siberiana, na Rússia; Febre Chinesa, na Sibéria; Catarro Espanhol, na França e Febre Russa, na própria Espanha. Nos países anglo-saxões foi também chamada de ‘Spanish Lady’². No Brasil, o termo “Espanhola” foi amplamente empregado.

O Dicionário Médico STEDMAN (1996), afirma que a Espanhola foi uma *“influenza que causou diversas ondas de pandemia em 1918-1919, levando a mais de 20 milhões de óbitos em todo o mundo: foi particularmente grave na Espanha (daí o nome), mas atualmente é considerada como tendo-se originado nos Estados Unidos sob a forma de uma influenza suína³”* (p. 649). Para comparação, na I Guerra Mundial (1914-1918) morreram aproximadamente 14,5 milhões de pessoas. *“Calcula-se que a Gripe Espanhola tenha infectado até 1 bilhão de pessoas, cerca de metade da população mundial da época. O vírus matou mais do que qualquer outro surto de doença, ultrapassando a Peste Negra, da Idade Média”* (www.bbc.co.uk, acesso em 17.5.2004).

Atualmente, a hipótese de que a epidemia teria se originado nos Estados Unidos foi contestada. Trabalhos recentes apontam a origem na Ásia. A epidemia ganhou o nome de Espanhola porque a Espanha, país que não estava envolvido na I Guerra Mundial, deu grande destaque à doença na imprensa. A origem mais provável da epidemia é o oriente (www.bbc.co.uk, acesso em 17.5.2004).

De acordo com DANIELS (National Institute for Medical Research, London, 1998), a epidemia mundial de gripe espanhola pode ser dividida em três ondas: a primeira, de março a julho de 1918; a segunda, de setembro a dezembro de 1918 e, a terceira, de fevereiro a abril de 1919. A primeira onda foi relativamente branda, causando apenas um pequeno aumento na taxa de mortalidade. Ela foi seguida pela segunda, a mais devastadora. A terceira onda, produziu uma taxa intermediária de mortalidade².

O autor também considera a probabilidade de mutação na característica genética do vírus nas trincheiras da França, pois a segunda onda da epidemia ocorreu durante o final da I Guerra Mundial².

A epidemia de gripe espanhola foi atípica pela virulência, pelos sintomas apresentados pelos doentes e

pela longa duração de quase um ano. BEESON & WALSH (1977)⁴, apresentam a classificação do vírus: Hsw N1.

Provavelmente, a pandemia de 1918 deveu-se a uma mudança antigênica maior do vírus que originou um subtipo viral totalmente novo. A taxa de letalidade foi alta, com mais de 20 milhões de óbitos em todo o mundo⁵ (Ministério da Saúde, 2002).

No Brasil, a epidemia deixou um saldo de aproximadamente 300 mil mortos⁶. A vítima mais conhecida foi o presidente eleito Francisco de Paula Rodrigues Alves. Ele faleceu em 16 de janeiro de 1919, sem conseguir tomar posse⁷.

Tese de AZEVEDO (1919) afirma que “A epidemia recente, que chegou até o Brasil, percorrendo em poucos dias quase toda a população do país, foi a mais forte epidemia de gripe até hoje conhecida. Haja vista o elevado número de óbitos⁸ (...)” (p. 9).

Na época da influenza espanhola, o vírus da gripe ainda não havia sido identificado, conforme pode ser constatado em texto da Revista Medico-Cirurgica do Brazil (1919):

“A moléstia epidêmica denominada influenza é acreditada ser proveniente de um organismo indeterminado que causa uma infecção que diminui a resistência do corpo em geral, e dos órgãos respiratórios em particular⁹” (p. 102).

E, como conseqüência:

“Considerando que a causa da epidemia é um vírus desconhecido, não parece possível atualmente evitar a moléstia primária pela vacinação com organismos conhecidos⁹” (p. 102-103).

O vírus da gripe foi identificado somente em 1933.

Os sintomas da gripe espanhola, descritos por FOLLEY (1919), cientista francês, baseado em relatos feitos por médicos franceses, ingleses, americanos, brasileiros,

italianos, espanhóis e outros, a partir da “*observação de um número elevadíssimo de doentes*¹⁰”, são os seguintes:

*“Abaixamento da tensão arterial, irregularidade da variação da amplitude do pulso, atenuação, e, em certos casos, desaparecimento da primeira bulha cardíaca; aumento de volume do baço e do fígado; palidez; emaciação; fadiga extrema; insônia, por vezes tenaz; leve delírio; quando é elevada a temperatura, a irritabilidade contrasta com o embotamento intelectual; manifestações pulmonares; expectoração raiada de sangue; síncope cardíacas que se anunciam pela diminuição da amplitude do pulso*¹⁰” (p. 105).

*“A morte se dá quase sempre por síncope cardíaca, e pode sobrevir quando o doente se acha atacado de uma forma da doença aparentemente benigna*¹⁰” (p. 105).

Apesar da gravidade e das conseqüências da gripe espanhola, o número de estudos sobre a epidemia no Brasil ainda é pequeno. Em sua maioria, as informações disponíveis em idioma português em meio eletrônico (Internet) são extraídas de jornais da época e organizadas em textos informativos de cunho não-científico. Quanto aos textos acadêmicos, quer sejam da época, quer mais recentes, raros apresentam também pesquisa epidemiológica. Muitos dos estudos recentes (teses de doutorado) sobre epidemias de gripe no Brasil tem um foco bastante específico, voltado para questões atuais da saúde pública como por exemplo, a influenza em crianças, idosos, crianças com HIV positivo, etc. No Brasil, a maioria dos poucos estudos específicos sobre a influenza espanhola é sobre sua ocorrência nos grandes centros urbanos. Desta forma, o pesquisador encontra-se limitado pelo pequeno acervo nacional de pesquisas, fator que dificulta o desenvolvimento de estudos comparativos entre municípios e regiões. A principal contribuição deste trabalho é apresentar uma pesquisa particularizada sobre a epidemia da influenza espanhola em Varginha, cidade localizada no sul de Minas

Gerais e assim colaborar para a ampliação do conhecimento específico da pandemia no Estado e, por consequência, no Brasil.

Atualmente (2004), o risco da ocorrência de pandemias por influenza continua a existir, agravado pelas condições da vida moderna: grande facilidade de deslocamento das pessoas possibilitado pelo avanço tecnológico dos meios de transportes. Os deslocamentos são também mais freqüentes e rápidos, possibilitando a disseminação dos agentes etiológicos. Entre outros fatores modernos que facilitam a propagação de epidemias estão os desequilíbrios causados ao meio ambiente em razão da ocupação desordenada do solo e as metrópoles com grande aglomerado populacional. A recente epidemia asiática da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) que teria tido início em novembro de 2002, na província chinesa de Guangdong (Catão) foi a epidemia mais recente. Por outro lado, também tiveram avanço considerável os meios de comunicação, a microbiologia e o conhecimento científico específico sobre os diversos subtipos de vírus que causam a influenza. O nível de escolaridade da população elevou-se e o acesso às informações é muito mais rápido.

São passados 86 anos da maior tragédia coletiva que se abateu sobre a população do município de Varginha: a da gripe espanhola. Apesar da magnitude das consequências no campo econômico e social e, principalmente, na vida afetiva das pessoas e das famílias, não encontramos nenhum estudo epidemiológico sobre a epidemia no município. A população atual, excetuando-se pouquíssimas pessoas, geralmente historiadores e indivíduos cultos, desconhece a ocorrência da doença. A epidemia tornou trágico o último trimestre do ano de 1918 para todos os varginhenses: das vítimas fatais ao grande número de pessoas que contraíram a doença sobrevivendo após custosa convalescença e tendo que enfrentar a dor da perda e do luto, pois não ficou ninguém sem perder um parente, amigo, vizinho ou conhecido.

O Código de Posturas da Câmara Municipal da Cidade de Varginha (1918), revela que no início do século XX, o poder público municipal já se preocupava com a possibilidade da ocorrência de epidemias e estipulava normas que pudessem diminuir ou evitar a transmissão de doenças entre pessoas. Entre outras medidas, o Código de Posturas estabeleceu que *“É vedado às pessoas afetadas de moléstias contagiosas vender gêneros alimentícios ou manufaturá-los para a venda”* (art. 154º - Capítulo XVII – Higiene da alimentação) e também proibiu o transporte de pessoas infectadas em automóveis de aluguel (táxis). O referido Código foi aprovado em setembro de 1918, portanto, antes do início da epidemia de gripe espanhola na cidade.

Sobre a gripe espanhola diz AGOSTINO (1999):

“Depois da gripe, restava o temor de sua volta, mantendo a vida em sociedade num universo de aflições. Uma reação, é certo, parecia exercer o domínio sobre todos: esquecer o que acontecera. Mesmo que a Gripe Espanhola esteja indexada nas lembranças de algumas famílias, enquanto experiência histórica coletiva ela foi apagada da memória social, como se a omissão ou a negação do passado preservasse os homens da possibilidade de algo parecido voltar a acontecer¹¹.”

O estudo apresentado neste livro tem o propósito de estabelecer o perfil epidemiológico da gripe espanhola em Varginha e também de reconstruir a memória histórica da comunidade no campo da saúde pública. O perfil epidemiológico foi construído com os dados dos dois principais documentos pesquisados: os livros dos assentos de óbitos da Paróquia da Varginha (Paróquia do Divino Espírito Santo) e o do registro dos enterramentos no cemitério municipal (Prefeitura Municipal).

É importante ressaltar que no Brasil, a contagem populacional na época da epidemia da Espanhola era

bastante precário comparado com os critérios atuais. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, foi fundado em 1936. A agência do Instituto em Varginha, não dispõe dos dados populacionais anteriores a 1950 e na Internet, os dados são fornecidos somente a partir de 1980.

Os memorialistas FONSECA & LIBERAL, no “Álbum de Varginha”, publicado em 1920, afirmam que a população de Varginha é “*avaliada em 40.000 habitantes, dos quais 12.000 para a sua zona urbana*”¹². Os álbuns do período tem um tom ufanista, as informações fornecidas pelos autores não especificam o ano e não puderam ser confirmadas por relatos de outros memorialistas nem pelos documentos pesquisados.

Segundo LEFORT (1950)¹³, a população de Varginha em 1918 é de 22.080 habitantes. O autor não cita a fonte pesquisada e não há especificação entre população urbana/rural nem sede/distrito. Entretanto, dos autores pesquisados a obra de Lefort parece ser a mais confiável.

Durante a pesquisa um fato chamou-nos a atenção: a atitude de omissão e desrespeito com a vida humana, demonstrada pela Câmara Municipal durante a epidemia da gripe espanhola em Varginha, conforme pode ser constatado pela leitura da ata (vide anexos). Tal atitude deixou uma mancha indelével na ética da edilidade municipal e é agora condenada pela História.

Oitenta e seis anos é muito tempo para uma vida e pouco para a história de um povo. Mesmo assim, a *gripe hespanhola* vai caindo no esquecimento. Entretanto, ninguém, nem povo algum pode chegar a conhecer-se ignorando as próprias tragédias e os sentidos que elas delinearam ou impuseram. Tentamos resgatar a memória de um olvido que não deve permitir-se: a memória de um povo, mesmo quando dolorosa, precisa ser preservada. Postas como inevitáveis as tragédias tornam-se parte do percurso e podem apontar novos caminhos. É necessário, pois, dar um sentido a elas.

2.0 – OBJETIVOS

- 1) estabelecer o perfil epidemiológico da influenza espanhola no município de Varginha, por meio da análise de dados de mortalidade, no período de 18 de outubro de 1918 a 21 de janeiro de 1919,
- 2) reconstruir a memória histórica da saúde pública municipal com relação à epidemia de influenza espanhola.

3.0 - METODOLOGIA

Inicialmente, foi feita uma pesquisa com o objetivo de localizar a documentação original da época: as anotações dos óbitos. Não tivemos acesso aos dados do Serviço Privativo do Registro Civil das Pessoas Naturais da Comarca de Varginha (Cartório do Registro Civil). Optou-se, portanto, por outros registros: os da Paróquia do Divino Espírito Santo e os da Prefeitura Municipal, ambos são registros de sepultamentos que incluem os óbitos fetais. Nesta pesquisa, esses óbitos foram excluídos. A pesquisa em documentação produzida por duas fontes diferentes (paróquia e prefeitura) tornou-se necessária pois foi durante a epidemia de gripe espanhola que se deu a transferência dos sepultamentos do cemitério paroquial para o cemitério público, situação detalhada no item 4.10 – Local de sepultamento. Os óbitos dos livros da Paróquia e da Prefeitura foram transcritos para a Ficha de Identificação de Óbitos por Gripe Espanhola (vide Anexos).

Nos documentos pesquisados, estão registradas diversas causas de morte determinadas por afecções pulmonares, algumas fazendo pensar em complicações ou agravamento do quadro sintomático da gripe espanhola como, por exemplo: pleuriz, meningite e gripe intestinal.

A gripe espanhola foi uma doença muito freqüente no período e causou extrema comoção tanto na classe médica quanto na população em geral. Não deveria ser difícil, pois, identificar o paciente que foi a óbito pela gripe. Para o estabelecimento do perfil epidemiológico da gripe espanhola em Varginha foram considerados somente aqueles registros de óbitos com as seguintes causas de morte: gripe, broncopneumonia e pneumonia. Adotamos o mesmo critério estabelecido por MALETTA (1997) na pesquisa “1918 – E a pandemia de gripe espanhola chegou a Belo Horizonte”: *“Consideraram-se como óbitos por “gripe espanhola”, as doenças do capítulo VIII da Classificação Internacional das doenças (CID-BR) – 9ª revisão, cujos códigos na lista tabular estão compreendidos entre 480 e 487¹⁴”*.

A população-alvo a qual esta pesquisa se destina é heterogênea: epidemiologistas e especialistas em saúde pública e também leigos, historiadores e outros estudiosos da área cultural. Por isso, é importante ressaltar que na construção da Tabela 1, de óbitos por sexo e faixa etária, optou-se pelo seguinte critério adotado na demarcação de faixas etárias em estudos epidemiológicos:

Por exemplo, na faixa etária 5 |– 10 anos, estão incluídas todas as crianças entre 5 anos e 9 anos, 11 meses e 29 dias e excluídas as crianças com 10 anos completos que pertencerão à faixa dos 10 |– 15 anos.

3.1. Documentos

Os documentos pesquisados foram os seguintes:

3.1.1 – Livro n.º 10 dos assentos de óbitos da Paróquia de Varginha do ano 1915-1916-1917. Bispado da Campanha.

Este livro e também o de n.º 11, encontra-se sob a guarda permanente da Paróquia do Divino Espírito Santo. O Livro n.º 10 foi utilizado na contagem dos óbitos por

mortalidade geral dos anos de 1916 (folhas 36 frente a 75 frente) e 1917 (início na folha 75, verso).

3.1.2 - Livro n.º 11 dos assentos de óbitos da Paróquia da Varginha do ano de 1917-1918 – Bispado da Campanha.

Este livro foi utilizado para colher os óbitos por gripe espanhola do período de 18.10.1918 a 06.11.1918 e de mortalidade geral de julho a dezembro de 1917. Ele possui 50 páginas numeradas, totalmente preenchidas. O primeiro óbito foi registrado no dia 28 de julho de 1917 e o último no dia 04 de dezembro de 1918. As assinaturas são do padre Leônidas João Ferreira, que também lavrou o Termo de Abertura.

O período em que os registros de óbitos por influenza espanhola foram feitos vai de 18 de outubro a 06 de novembro de 1918. A partir do dia 08 de novembro o cemitério paroquial foi oficialmente interdito e os sepultamentos passaram a ser feitos no cemitério municipal ou público com registros anotados em livro da Prefeitura Municipal.

As anotações no Livro n.º 11 dos assentos de óbitos da Paróquia de Varginha são feitas em registro contínuo, sem colunas. Os dados anotados são os seguintes: nome, filiação, idade e causa *mortis*.

Quando o falecido é bebê, criança ou adolescente, registra-se apenas o seu pré-nome e o nome completo do pai. Quando o nome completo da mãe não foi informado, pode figurar apenas com o pré-nome e, ao invés do patronímico, acrescenta-se a forma genérica ‘de tal’. Exemplo: João, filho de José da Silva e Maria de tal.

Quando o falecido é adulto, registra-se o nome completo. Na maioria das vezes a filiação é omitida, registrando-se o estado civil e o nome do cônjuge.

Alguns dos registros de sepultamentos de crianças, adolescentes e adultos especificam se o corpo foi

encomendado. Na liturgia católica, encomendação é a “*oração por um defunto, feita antes da inumação do corpo*” e, encomendar é “*orar pela salvação do corpo ou alma de um defunto*” (DICIONÁRIO HOUAISS, 2001).

Evidentemente, tais registros de óbitos são incompletos para fornecer dados para a realização de estudos epidemiológicos aprofundados. Entretanto, os elementos principais - sexo, idade e causa da morte – estão presentes. É compreensível a lacuna, considerando-se a época em que as anotações foram feitas, 30 anos antes do estabelecimento de um registro de óbitos adotado internacionalmente. Além disso, o objetivo das anotações atendia aos fins religioso e espiritual e não médico ou científico.

Entretanto, a própria administração eclesiástica reconheceu a insuficiência das anotações. Quando o bispo diocesano de Pouso Alegre, D. João Nery, esteve na Paróquia de Varginha no dia 2 de março de 1902, deixou a seguinte observação em um dos livros de óbitos:

“Não sei porque motivo foram suspensos nesta paróquia os assentamentos dos óbitos. É desejo nosso que continuem e sejam mais completos.”

O bispo se referia ao 4º Livro de óbitos da Freguesia do Espírito Santo da Varginha, de 1871 a 1889, cujas anotações foram interrompidas sem esclarecimentos.

O bispo continua, sugerindo os dados que devem ser registrados nas anotações dos óbitos:

“Devem ser mais ou menos assim: Aos.....de.....de....., sepultou-se no cemitério paroquial desta freguesia o cadáver de F....., de.....anos de idade, filho de F e F ou casado com F, natural e [seguem-se duas palavras ilegíveis], tendo ou não recebido os sacramentos. O vigário F.”

Mesmo que as recomendações do bispo tivessem sido cumpridas, os dados colhidos ainda seriam insuficientes para um estudo epidemiológico mais completo.

3.1.3. - Livro n.º 1 do registro dos enterramentos no Cemitério Municipal. Prefeitura Municipal de Varginha. Período: 08.11.1918 a 21.01.1919.

Este livro encontra-se sob a guarda permanente do Museu Municipal de Varginha. Possui 200 páginas numeradas, preenchidas até a página de n.º 152. As assinaturas são do farmacêutico Affonso de Oliveira Castro, prefeito de Varginha que também lavrou o Termo de Abertura.

O período em que os registros dos óbitos por influenza espanhola foram feitos vai de 08 de novembro de 1918, data em que o cemitério municipal foi aberto, a 21 de janeiro de 1919, dia em que se sepultou a última vítima da gripe.

O livro tem registros até a página de número 152. O último sepultamento registrado foi o do menino Antônio, de 2 anos, filho de Orciliano de Azevedo, morto por toxi-infecção digestiva. A data é 29 de julho de 1931.

O Livro da Prefeitura traz 11 colunas para o registro dos seguintes dados, da esquerda para a direita e nesta seqüência: Data (registro do mês), dia, número da sepultura, nome e filiação, naturalidade, sexo, estado [civil], profissão, idade, causa mortis, observações.

Na coluna ‘observações’ anota-se o tempo de concessão da sepultura, de acordo com a Tabela do Cemitério, afixada no lado interno da capa dura inicial. A maioria dos nomes não apresenta anotações nessa coluna.

3.2 – Terminologia dos óbitos por gripe espanhola em Varginha

3.2.1 - Primeiro óbito por gripe espanhola

Pode-se considerar como o primeiro óbito por influenza espanhola em Varginha o do dia 18 de outubro de 1918, registrado no Livro n.º 11 dos assentos de óbitos da Paróquia da Varginha do ano de 1917-1918 (folha n.º 43, frente):

“Aos dezoito dias do mez de outubro do anno mil e novecentos e dezoito foi sepultado no cemitério parochial o cadáver de José, de dois annos de idade, filho legítimo de José Malaquias de Lima e de Maria Cândida de Jesus, fallecido hoje as seis horas da manhã em consequência de grippe.”

“O vigário Leônidas João Ferreira.”

3.2.2 - Primeiro óbito com a expressão ‘influenza espanhola’

O primeiro óbito com a expressão ‘influenza espanhola’ é o do dia 1º de novembro de 1918, registrado no Livro n.º 11 dos assentos de óbitos da Paróquia da Varginha do ano de 1917-1918 (folha n.º 44, verso):

“A um de novembro de mil e novecentos e dezoito foi sepultada no Cemitério Parochial uma creança, nascida morta,.....filha de Juvenil Rodrigues e de Henriqueta Maria Rodrigues, fallecida hoje as sete horas da manhã em consequência da Influenza Hespanhola (como diz a guia do civil).”

“O vigário Leônidas João Ferreira” (sic)

A identificação do sexo encontra-se na margem esquerda: Anna. A redação desse óbito é imprecisa, feita por um vigário. Se a criança nasceu morta trata-se, portanto, de um óbito fetal. Um feto não poderia falecer “*em consequência da Influenza Hespanhola*”. Este óbito não foi incluído nas estatísticas. Nenhum dos demais óbitos apresentou o mesmo problema.

3.2.3 - Último óbito com a expressão ‘gripe espanhola’

O último registro de óbito em que figura a expressão ‘gripe hespanhola’ é o da varginhense Geralda, bebê de seis meses de idade, filha de Feliciano Fidélis. O registro foi feito no dia 21 de janeiro de 1919 e encontra-se no Livro n.º 1

dos registros de enterramentos no Cemitério Municipal. Este é também o último óbito por gripe espanhola em Varginha.

4.0 - RESULTADOS

4.1 - Óbitos por sexo e faixa etária

TABELA 1

ÓBITOS POR GRIPE ESPANHOLA POR SEXO E FAIXA ETÁRIA, EM RESIDENTES NO MUNICÍPIO DE VARGINHA, 1918/1919.

FAIXA ETÁRIA (em anos)	SEXO				TOTAL	
	Masculino		Feminino		Abs.	%
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
0 - 1	16	8,7	14	7,7	30	16,4
1 - 5	27	14,8	26	14,2	53	28,8
5 - 10	8	4,5	7	3,8	15	8,1
10 - 15	2	1,0	5	2,7	7	3,8
15 - 20	6	3,3	3	1,6	9	4,9
20 - 25	7	3,8	8	4,5	15	8,1
25 - 30	4	2,2	10	5,4	14	7,7
30 - 35	5	2,7	2	1,0	7	3,8
35 - 40	3	1,6	6	3,3	9	4,9
40 - 45	6	3,3	3	1,6	9	4,9
45 - 50	1	0,5	2	1,0	3	1,6
50 - 60	2	1,0	5	2,7	7	3,8
60 - 70	3	1,6	1	0,5	4	2,2
70 e mais	-	0,0	1	0,5	1	0,5
Ignorado	-	0,0	1	0,5	1	0,5
TOTAL	90	49,0	94	51,0	184	100,0

Fontes: Livro nº 11 dos assentos de óbitos da Paróquia da Varginha do ano de 1917-1918 – Bispado da Campanha e Livro nº 1 do registro dos enterramentos no Cemitério Municipal. Prefeitura de Varginha.

Nota: o traço - indica zero absoluto; 0,0 indica resultado de arredondamento.

As principais vítimas da gripe espanhola em Varginha foram as crianças de ambos os sexos entre 1 e 4

anos (28,8%) e entre menores de um ano de idade (16,4%). Portanto, a faixa etária entre 0 e 4 anos, responde por 45,1% do total de óbitos pela doença.

“Crianças também são consideradas grupo de risco, pois ainda não desenvolveram suas defesas contra a gripe como os adultos. Especialmente os bebês, cujo mecanismo de defesa ainda está em desenvolvimento.”¹⁵”

No sexo masculino, a terceira faixa etária mais atingida foi entre 5 e 9 anos, com 4,5% dos casos e, no sexo feminino, a compreendida entre 25 e 29 anos, com 5,4% dos casos.

4.2 – Óbitos por dia e mês de ocorrência

TABELA 2

ÓBITOS POR GRIPE ESPANHOLA POR DIA E MÊS DE OCORRÊNCIA, EM RESIDENTES EM VARGINHA, 1918/1919.

DIA DO MÊS	1918				1919
	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO	
1	-	-	6	-	
2	-	1	3	2	
3	-	-	2	1	
4	-	2	5	-	
5	-	2	3	1	
6	-	4	6	-	
7	-	3	3	-	
8	-	4	6	-	
9	-	4	4	-	
10	-	2	2	1	
11	-	4	1	-	
12	-	3	4	-	
13	-	1	1	-	
14	-	5	3	-	
15	-	6	-	-	
16	-	5	1	-	
17	-	3	-	-	
18	1	5	1	-	
19	-	7	2	-	
20	-	4	1	-	
21	-	4	-	(1)1	
22	-	6	1	-	
23	1	7	-	-	
24	-	5	2	-	
25	-	2	-	-	
26	-	7	1	-	
27	-	3	-	-	
28	-	7	1	-	
29	-	2	2	-	
30	-	6	1	-	
31	-	X	-	-	
TOTAL	2	114	62	6	

(1) Último registro de óbito especificado “grippe hespanhola”.

Analisando apenas os documentos pesquisados, não se pode estabelecer o dia exato da ocorrência do primeiro caso de gripe espanhola em Varginha. Os documentos da época apresentam dados incompletos e as informações fornecidas pelos memorialistas não fazem referência a fontes documentais. Nesta pesquisa trabalhou-se com o número total de óbitos e não com o número de casos da doença que incluiria também as vítimas não fatais. Com base nos registros de óbitos, a epidemia de influenza espanhola em Varginha teve a duração de 96 dias, de 18 de outubro de 1918 a 21 de janeiro de 1919. As datas-limite correspondem, respectivamente, aos dias do primeiro e do último registro de óbito tendo como causa de morte a influenza espanhola. A epidemia iniciou-se na primavera, terminando no verão. Embora não possamos precisar com exatidão o dia, é provável que o vírus tenha começado a circular na cidade no início do mês de outubro de 1918. MALETTA (1997) afirma que os primeiros casos de gripe espanhola foram conhecidos em Belo Horizonte no dia 7 de outubro e em São Paulo, no dia 9 de outubro¹⁴. A epidemia em Varginha começou cerca de dez dias depois de ter atingido esses grandes centros urbanos dos quais a cidade se encontra equidistante.

O período de 41 dias entre 4 de novembro e 14 de dezembro pode ser considerado o mais intenso da epidemia com a ocorrência de 162 óbitos, o que representa 88% do total. Nesse período foi registrado pelo menos um óbito diário. A média foi de 3,9 óbitos/dia. O período entre os dias 19 e 26 de novembro é marcado pela ocorrência do maior número de óbitos, com três pontos máximos (dias 19, 23 e 26) com sete óbitos em cada um desses dias. Apenas nesses oito dias morreram 42 pessoas por gripe espanhola, ou seja, 22,8% do total.

4.3 – Óbitos segundo a causa da morte

TABELA 3

ÓBITOS POR GRIPE ESPANHOLA E OUTRAS CAUSAS RELACIONADAS, EM RESIDENTES NO MUNICÍPIO DE VARGINHA, OUTUBRO/1918 A JANEIRO/1919.

CAUSAS	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO	TOTAL
Gripe	1	85	53	4	143
Pneumonia	-	18	5	2	25
Broncopneumonia	1	11	4	-	16
TOTAL	2	114	62	6	184

A maioria dos óbitos teve como causa da morte a gripe, perfazendo um total de 143 casos em 184, o que corresponde a 77,7%. A seguir, 25 óbitos por pneumonia (13,5%) e 16 por broncopneumonia (8,6%).

Em Belo Horizonte, a gripe também foi a principal causa da morte, seguida pela pneumonia e pela broncopneumonia (MALETTA, 1997¹⁴).

4.4 – Óbitos segundo o sexo e mês de ocorrência

TABELA 4

ÓBITOS POR GRIPE ESPANHOLA SEGUNDO O SEXO E MÊS DE OCORRÊNCIA, EM RESIDENTES NO MUNICÍPIO DE VARGINHA, 1918/1919.

MÊS	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
OUTUBRO	1	0,5	1	0,5	2	1,0
NOVEMBRO	57	31,0	57	31,0	114	62,0
DEZEMBRO	30	16,5	32	17,4	62	33,7
JANEIRO	2	1,0	4	2,1	6	3,3
TOTAL	90	49,0	94	51,0	184	100,0

O perfil por sexo e mês de ocorrência é o mesmo para homens e mulheres: pequeno número de casos nos meses de início e de final da epidemia (outubro de 1918 e janeiro de 1919) o que é uma característica das epidemias propagadas por exposição múltipla; maior concentração de casos no mês de novembro quando a epidemia de fato se alastrou e atingiu o seu ápice e, o início do decréscimo em dezembro.

4.5 – Óbitos de residentes e naturalidade

Das 184 pessoas residentes no município de Varginha que foram a óbito por gripe espanhola, pelo menos 155 (84,3%) eram varginhenses natos. Entretanto, esse número pode ser ainda maior já que em 19 casos (10,4%), a naturalidade não foi informada.

TABELA 5

ÓBITOS POR GRIPE ESPANHOLA SEGUNDO A NATURALIDADE, EM RESIDENTES EM VARGINHA, 1918/1919.

NATURALIDADE	N	%
Varginha	155	84,3
Itália	5	2,8
Cachoeira (1)	1	0,5
Elói Mendes(2)	1	0,5
Três Pontas	1	0,5
Bahia	1	0,5
Rio de Janeiro	1	0,5
Ignorada	19	10,4
TOTAL	184	100,0

(1) Na época, Carmo da Cachoeira era um distrito de Varginha, situação que perdurou até 1938. Não foi possível identificar se a naturalidade “Cachoeira” se referia a esse distrito ou a outra localidade, pois o toponímico é comum no Brasil.

(2) Distrito de Varginha até 30.08.1911, dia em que o município foi criado.

Os cinco imigrantes italianos vítimas fatais da gripe espanhola foram: Elisa Roquim, 34 anos, casada, serviços domésticos; Fortunato Benetolo, 31 anos, casado,

lavrador; José Cazelato, 42 anos, casado, lavrador; Agostinho Cazellato, 38 anos, casado, lavrador e Luiza Caselato, 78 anos, viúva, serviços domésticos. Conforme pode ser constatado, três deles pertenciam à família Cazellato (o patronímico foi registrado como Cazelato, Cazellato e Caselato). Os dados não permitem estabelecer o grau de parentesco entre eles. As regiões ou cidades italianas de origem não foram especificadas.

4.5.1 – Famílias (Patronímicos)

Os registros de óbitos apresentam dados incompletos de filiação e nome do cônjuge, inviabilizando o estabelecimento de óbitos por família.

Somente seis casos puderam ser evidenciados: Manoel Garcia, lavrador, 35 anos, perdeu a filha Antonia de 7 anos e faleceu uma semana depois. Sylvina Elias perdeu duas filhas na mesma semana: Ercy, de 11 meses e Rita, de 4 anos. Antonio Pires também perdeu duas filhas numa mesma semana: Clarice, de 2 anos e Waldevina, de 4 anos. José Jacintho perdeu dois filhos em três dias: João, de 1 ano e José, de 3 anos. Egydio Vicente perdeu dois filhos em uma semana: Alice, de 11 anos e Vicente, de 3 anos. O cigano Virgílio Soares Galvão, de 40 anos, morreu uma semana antes do falecimento do filho João Jesus, de 3 anos.

Oitenta e duas famílias tiveram pelo menos um óbito por gripe espanhola. O patronímico ‘Jesus’ foi aquele com o maior número de óbitos – 11 -, embora não tenha sido possível identificar se todos os falecidos pertenciam à mesma família.

Os patronímicos registrados foram os seguintes: Agrícola, Almeida, Alves, Ananias, Azevedo, Baccardi, Baptista, Barbosa, Benetolo, Bernardes, Bertholdo, Braz, Bueno, Cândida, Cardoso (figura também como Cardozo), Canuto, Carmo, Carvalho, Castilho, Caselato (figura também como Cazelato, Cazellato), Conceição, Costa, Dias, Dumond, Faria, Ferreira, Fidélis, Figueiredo, Finote, Francellino, Freitas,

Galvão, Garbato, Garcia, Gazolla, Gonçalves, Jesus, Leite, Lemos, Lima, Lopes, Lourenço, Marangon (posteriormente aporuguesado para Marangão), Marciano, Martiniano, Medeiro, [Baptista de] Mello, Mendes, Menegato, Mercês, Misael, Moreira, Nascimento, Nicolau, Nogueira, Oliveira, Paiva, Palmeira, Pereira, Pinto, Pires, Quintilliano, Ramos, Reis, Ribeiro, Rodrigues, Romão, Roquim, Rosa (figura também como Roza), Rosestolato, Rufino, Salles, Santos, Sant'Anna, Silva, Soares, Souza, Tavares, Teixeira, Valim, Vieira e Xavier.

4.6 – Óbitos de não residentes

Esta pesquisa utilizou somente os óbitos de residentes em Varginha (184 casos). No entanto, é provável que pessoas que estavam em trânsito pela cidade possam ter contraído a doença.

Os casos a que tivemos informações através de estudo documental foram os do cigano Virgílio Soares Galvão, 40 anos, casado, falecido em virtude de pleuriz gripe (único registro com essa causa de morte) e de seu filho João Jesus, de 3 anos. Virgílio foi sepultado no dia 8 de novembro de 1918, na sepultura de n.º 6, do Cemitério Municipal. Esses casos não foram incluídos nas estatísticas aqui apresentadas.

4.7 - Classe social e ocupação

Estudos recentes do Ministério da Saúde do Brasil (2003) revelam que *“Há em todo o mundo, evidências de que a estratificação da população de acordo com seus níveis socioeconômicos define, também, estratos diferenciados nos níveis de saúde”* e que *“A frequência de qualquer doença, com raras exceções, aumenta com a redução dos níveis social e econômico dos grupos sociais” (...)* *“No Brasil, essa questão assume grande importância e ganha nuances especiais¹⁶.”* (p. 72).

A leitura da ata da Câmara Municipal de Varginha revela qual o grupo social mais atingido pela epidemia da gripe espanhola, na percepção da elite política local.

A única ata a fazer referência à influenza espanhola é a da reunião extraordinária convocada no dia 13 de novembro de 1918 para tratar do problema e tomar as medidas necessárias (vide texto integral nos anexos). Estiveram presentes apenas o presidente (prefeito) Affonso de Oliveira Castro e dois vereadores: Severino Cândido da Silva Villela e José Marcelino Teixeira. O secretário Evaristo Gomes de Paiva Júnior redigiu a ata.

A chamada foi feita e verificou-se “*não haver número legal* [de presentes]” para que se pudesse tomar as medidas de emergência que se faziam necessárias.

O prefeito Affonso de Oliveira Castro disse que havia convocado os vereadores “*para a presente sessão extraordinária, para com suas luzes sugerissem alguma idéia vantajosa para minorar o sofrimento das classes assoladas pelo terrível mal, como não tenham comparecido atestando assim o descaso que lhes merece essas classes, declaro não haver sessão por falta de número.*”

No livro “Espírito Santo da Varginha 1763-1920” (2003), de nossa autoria, fizemos a seguinte análise da ata:

“Fica evidente a indignação do redator e do presidente da Câmara com a atitude de omissão dos colegas vereadores perante seus conterrâneos vitimados pela gripe espanhola. O redator, Evaristo Gomes de Paiva Júnior, homem citado por CAPRI (1918) como de caráter nobre e firme, deixa registrado seu protesto até de forma inconsciente pois finaliza a ata escrevendo: “Eu, Eu...” como se quisesse afirmar de modo indubitável sua presença nesse duplo “Eu” e seu repúdio pela omissão dos colegas diante de fato tão grave. Entretanto, mesmo não havendo quorum suficiente para a tomada de decisões respaldadas pelas leis da época, os vereadores presentes

poderiam ter estudado alguma forma de prestar socorro às vítimas. Não conseguiram e este fato também diz que a indignação dos presentes foi infrutífera; deixaram-se acorrentar pela burocracia e pelas normas num momento crucial e de grande sofrimento para as famílias quando era necessário agir com rapidez e confirmaram com sua atitude de indignação sem atos que aquela Câmara estava sim muito distante das necessidades da população. Em suma, vereadores presentes e ausentes lavaram as mãos. O texto da ata comprova que as principais vítimas da gripe espanhola eram pessoas de baixo nível sócio-econômico¹⁷” (p. 193), diferentes, portanto, da classe a qual pertenciam vereadores e prefeito. De fato, as únicas ocupações citadas foram serviços domésticos para as mulheres e lavradores para os homens.

A atitude de omissão da Câmara Municipal diante de fato tão grave e trágico para toda a comunidade confirma a hipótese de ÁVILA (1983):

“Após sua criação em 1882, era, no entanto, a Câmara Municipal, órgão então menos de representação popular do que de delegação dos interesses das elites¹⁸.”

Em relação à ocupação, faleceram de gripe espanhola 29 mulheres que prestavam serviços domésticos, cuja idade variou entre 11 e 78 anos e 22 homens cuja ocupação era lavrador. A idade deles variou entre 12 e 64 anos. Nessa classe social, tanto homens como mulheres começavam a trabalhar ainda bastante jovens, na pré-adolescência. Faleceu também um cambista, natural da Bahia, 45 anos, casado. Os demais registros de óbitos trazem o item ‘ocupação’ em branco.

Entretanto, a influenza espanhola também fez vítimas fatais entre os membros da elite. A mais conhecida delas foi a adolescente Yvonne, de 13 anos, nascida em 02 de dezembro de 1905, filha do Dr. Domingos de Figueiredo e de D. Ambrozina de Paiva. Yvonne faleceu no dia 04 de novembro de

1918 e foi sepultada no mesmo dia no cemitério paroquial. Ela foi a quinta vítima fatal da doença em Varginha. O “Álbum de Varginha” de FONSECA & LIBERAL (1920), apresenta fotografia do “*imponente e luxuoso mausoléu de Ivone Figueiredo, erigido no cemitério municipal em 1919*” e, num medalhão, fotografia da jovem, “*a saudosa e inocente Ivone, filha do Dr. Domingos de Figueiredo, roubada ao carinho de seus extremosos progenitores, pela morte impenitente quando apenas contava 13 anos de idade*”¹² (p. 36). Os autores não fazem nenhuma referência à causa da morte: a gripe espanhola. O mausoléu encontra-se preservado como atesta a fotografia da época. É o primeiro do lado direito da entrada principal do cemitério municipal, para onde os restos mortais de Yvonne foram posteriormente trasladados.

4.8 – Coeficiente de mortalidade por uma causa

O coeficiente de mortalidade por uma determinada causa é de grande uso e utilidade em epidemiologia e uma das principais medidas de morbidade. Segundo FORATTINI (1986), o coeficiente de mortalidade por uma causa é um dos “*coeficientes ou taxas, índices ou razões que o epidemiologista utiliza para mensurar a frequência das doenças na população*”¹⁹ (p. 70).

Em 1918, a população de Varginha era de 22.080 habitantes¹³ e ocorreram 184 óbitos por gripe espanhola.

$$\frac{184}{22.080} \times 10.000 = 83$$

O coeficiente de mortalidade por gripe espanhola em Varginha foi de 83 mortes para cada grupo de 10.000 habitantes. Como foi constatado, a estatística populacional da época não é confiável. Portanto, o coeficiente

de mortalidade apresentado deve ser compreendido apenas como uma aproximação da realidade pesquisada.

MALETTA (1997), afirma que em Belo Horizonte a taxa de mortalidade por gripe espanhola foi de 43 óbitos por 10.000 habitantes¹⁴. Portanto, os residentes em Varginha tiveram o dobro de risco de morrer por gripe espanhola do que os residentes em Belo Horizonte.

Devido à precariedade dos registros municipais da época não é possível estabelecer uma comparação entre a taxa de mortalidade por gripe espanhola com outras doenças comuns do mesmo período. Uma idéia da gravidade da epidemia pode ser formada ao se comparar o número de óbitos por gripe espanhola em Varginha no período estudado (96 dias = 184 óbitos) com o número de óbitos por influenza em todo o Estado de Minas Gerais no período 2000-2003 (4 anos = 47 óbitos) (Diretoria de processamento e monitoramento de dados epidemiológicos – DPMDE/SES/SUS/MG).

A estimativa populacional para Varginha em 2002, segundo o IBGE foi de 113.459 habitantes. Aplicando o coeficiente de mortalidade da gripe espanhola do ano de 1918 (83 por 10.000 hab.) na população de Varginha do ano de 2002 (113.459 hab.), teríamos a probabilidade de ocorrência de 942 óbitos.

4.9 – Coeficiente de mortalidade geral

Segundo FORATTINI (1986), a mortalidade geral *“refere-se a todos os óbitos ocorridos em determinada área e período de tempo, sem especificação de causa, idade ou sexo. É medida através do coeficiente de mortalidade geral, onde relacionamos os óbitos com a população¹⁹”* (p. 70).

O autor afirma que *“uma variação brusca na tendência [da mortalidade geral] pode sugerir alguns aspectos indicativos de mudança no comportamento de alguma causa ou grupos de causas¹⁹”* (p. 70).

TABELA 6

MORTALIDADE GERAL DE RESIDENTES EM VARGINHA, NO PERÍODO 1916/2002.

ANO	POPULAÇÃO	N	TAXA/ 1000
1916	21.659	246	11,3
1917	21.874	316	14,4
1918	22.080	539	24,4
1919	22.309	271	12,1
1920	22.457	279	12,4
2002	113.459	662	5,8

Fonte: dados populacionais de 1916-1920: Lefort¹³ (p.130-131); óbitos: livros de assentos de óbitos da Paróquia do Divino Espírito Santo e da Prefeitura Municipal; população: IBGE; óbitos de 2002: SIM/MS.

Os dados da Tabela 6 evidenciam o incremento que a gripe espanhola teve no coeficiente de mortalidade geral do ano de 1918. Dos 539 óbitos registrados naquele ano, 184 foram por gripe espanhola, ou seja, 34,1% do total. Excluindo-se os óbitos por gripe espanhola (539 – 184), ainda temos 355 óbitos para o ano de 1918, número bem acima da média do período.

No período da epidemia (18.10.1918 a 21.01.1919), foram registrados 316 óbitos por todas as causas. É o mesmo total de óbitos de todo o ano de 1917 e maior que os totais dos anos de 1916, 1919 e 1920, considerados ano a ano.

Dos 316 óbitos do período epidêmico, 184 foram devidos à gripe espanhola, ou seja, 58,2% do total.

O coeficiente de mortalidade geral considerando o período 1916/1920 foi de 14,9 / 1000 hab*.

* Média de óbitos do período (1651 : 5 = 330,2) x 1000 : 22.080 (população do meio do período) = 14,9.

A ocorrência da gripe espanhola representou um incremento de 63,8% em relação ao coeficiente médio de mortalidade geral no período de 1916 a 1918. O resultado não deixa dúvidas quanto à gravidade da epidemia numa época em que os recursos médicos, farmacológicos e de acesso às informações eram insuficientes para contê-la ou controlá-la.

Comparando os coeficientes do período 1916-1920 com o coeficiente de mortalidade geral do ano de 2002, percebe-se uma acentuada redução: 662 óbitos para uma população estimada de 113.459 habitantes (IBGE; Sistema de Informação de Mortalidade do Ministério da Saúde – SIM/MS, 2002). O coeficiente de mortalidade geral no ano de 2002 foi de 5,8 / 1000. A redução está relacionada com a melhoria geral da qualidade de vida da população (saneamento básico, condição nutricional, nível de escolaridade e acesso a informação, condição das moradias, hábitos de higiene pessoal, etc). Pelo menos até 1920, a cidade não possuía uma rede de esgotos e era servida por fossas residenciais, fato que contribuía para a ocorrência de determinados agravos à saúde e incremento de outros.

4.10 – Local de sepultamento: cemitério paroquial x cemitério municipal

O Código de Posturas da Câmara Municipal da Cidade de Varginha (1918) estabelece que *“Não é permitido o acompanhamento de pessoas ao enterro dos falecidos de moléstia epidêmica ou transmissível, salvo as que devem conduzir o féretro”* (Art. 203º - Capítulo XXII – Das precauções contra as moléstias transmissíveis) e que *“Os indivíduos falecidos de moléstia epidêmica ou transmissível serão inumados em quadro especial, nos cemitérios, devendo as covas ter dois metros de profundidade, guardada entre elas o*

intervalo de sessenta e seis centímetros (§1º, art. 219º, Capítulo XXIV – Dos cemitérios e enterramentos).

Não encontramos relatos de memorialistas da época para saber se a população tinha conhecimento e respeitou as determinações desses artigos do Código de Posturas. O Código foi aprovado em setembro de 1918 (Lei nº 357), portanto, um mês antes do início da epidemia da gripe espanhola. No entanto, foi publicado somente em 1919.

Quanto ao local de sepultamento, as 14 (7,6%) primeiras vítimas da gripe espanhola foram sepultadas no antigo cemitério paroquial, situado na Praça Barão do Rio Branco (atual Praça José Rezende Paiva, popularmente conhecida como Praça da Fonte). As demais 170 (92,4%) vítimas foram sepultadas no cemitério municipal.

O cemitério público foi criado pela lei municipal n.º 345, de 6 de março de 1918 e aberto em 8 de novembro para sepultamentos. Carta de Samuel Libânio, Diretor de Higiene do Estado de Minas Gerais, endereçada à Câmara Municipal em 1.º de janeiro de 1920, revela que a data da inauguração seria 15 de novembro, mas o grande número de mortos pela gripe espanhola antecipou a abertura em uma semana. O cemitério paroquial foi interditado pela lei municipal n.º 351, de 6 de abril de 1918, que estipulou um prazo de cinco anos para a transferência dos despojos mortuários para o cemitério municipal:

“Findo o prazo de cinco anos, a contar da data do interdito [do cemitério paroquial], serão removidos para o cemitério municipal todos os ossos, túmulos, mausoléus e demais despojos mortuários existentes no referido campo santo.”

Portanto, o cemitério paroquial seria totalmente demolido a partir de abril de 1923.

Uma análise detalhada da complexa questão da transferência do cemitério encontra-se no livro

“Espírito Santo da Varginha 1763-1920” (2003) (p. 255-266), de nossa autoria¹⁷.

4.11 – Tratamento farmacológico e recomendações higiênicas

Quanto ao tratamento, o quinino se revelou a única droga capaz de surtir algum efeito contra a doença, sendo amplamente prescrita, a ponto de esgotar o estoque das farmácias de Varginha. O quinino, cujo nome de substância é quinina ($C_{20}H_{24}N_2O_2$), “*é o principal alcalóide da cinchona, a casca da árvore da quina, nativa de certas regiões da América do Sul*”²⁰ (p. 656).

Na época da epidemia da gripe espanhola, o quinino era o principal antipirético conhecido sendo amplamente prescrito.

Além do quinino, segundo MALETTA (1997), que pesquisou as publicações do jornal Minas Gerais (Belo Horizonte) de 21 e 22 de outubro de 1918, os outros medicamentos e desinfetantes utilizados eram: preparação peitoral composto de mel e Jatahy Doria; Zampironi (desinfetante de habitação); comprimidos de Chloroquinino; Neo-tônico Rodrigues; Xarope de Famel; cápsulas de bromhydrato de quinino (sanahespana) e Bota Mineira¹⁴ (p. 90).

Na região sul de Minas, algumas das notícias veiculadas sobre o modo de transmissão da gripe espanhola não tinham fundamentação científica e eram produto do senso comum da época:

“A terrível moléstia contamina-se com a maior facilidade, pelo ar, emanações da terra, pela poeira e pelas águas.”

“Deve-se ter o máximo cuidado com as águas estagnadas.” (Jornal A Justiça, São Gonçalo do Sapucaí, 27 de outubro de 1918).

Infelizmente, não conseguimos localizar publicações de jornais de Varginha do ano de 1918. O jornal “A Justiça”, de São Gonçalo do Sapucaí (27 de outubro de 1918),

apresenta as seguintes sugestões de profilaxia e tratamento no artigo intitulado “Grippe Hespanhola”:

“1º - gargarejos e collutorios de solução de acido thymico a um por mil, ou de agua com succo de limão;”

“2º - usar de instillações nas narinas de oleo gommenolado ou de algodão Forman;”

“3º - tomar uma capsula de 25 centigrammos de um sal de quinino, ou uma pastilha das denominadas antipaludicas de quinino e arrhenal; lavar as mãos, o rosto, especialmente a barba frequentemente, em água levemente antiseptica especialmnete antes e depois das refeições, evitar as mudanças bruscas de locaes de temperaturas diferentes;” (sic)

Do item 3º o texto salta para o item 6º. Os itens 4º e 5º não foram citados:

“6º - não conservar no corpo roupas humidas de suor e mudal-as quando isso succeder; evitar o contacto de moscas nos alimentos e usar das verduras só depois de cosidas e fructos depois de bem lavados.” (sic)

O jornal Colombo, da cidade da Campanha (4 de novembro de 1918), apresenta as seguintes recomendações:

“Como providencia de prophylaxia individual e familiar, a ventilação franca, a insolação das casas e, sobretudo, dos aposentos de dormir, o asseio individual e domiciliar meticoloso, são de rigor.”

“Como o vírus da gripe se transmite de uma pessoa a outra em grande parte por intermédio das gotticulas do muco nasal e buccopharyngeano, importa nunca tossir nem espirrar sem resguardar o nariz e a bocca com um lenço, havendo tambem o cuidado de não expectorar sinão em escarradeiras, contendo liquido antiseptico.”

“O ISOLAMENTO DOMICILIAR ESPONTÂNEO é uma providencia prophylatica de notoria

efficacia. NÃO VISITAR, NEM SER VISITADO, EVITAR OS LOGARES DE AGLOMERAÇÃO POPULAR, NÃO SE EXPOR AO MAU TEMPO, evitando assim os resfriamentos, que preparam o terreno propicio para a invasão da influenza, eis um conjuncto de preconceitos (sic) cuja observancia será meio caminho andado na defesa individual.” (Maiúsculas do original).

“Importa não se deixar dominar pelo medo da molestia, pois a inibição produzida por tal factor acarreta o desfallecimento das defesas organicas e favorece a implantação do agente morbido, qualquer que elle seja. O pavor leva ainda ao abuso de drogas, sempre nocivas.”

“A bôa hygiene, a sã e sufficiente alimentação constituem elementos de resistência de primeira ordem.”

4.12 - Reação dos varginhenses à epidemia

4.12.1 - Os memorialistas

FONSECA & LIBERAL (1920), autores do “Álbum de Varginha¹²” e CAPRI (1918), autor do “Álbum Minas Gerais²¹” que tem um dos capítulos dedicados a Varginha são os principais memorialistas que viveram na época da influenza espanhola na cidade. Eles não fazem referência alguma à epidemia. O álbum de CAPRI é de 1918 (não consta o mês em que o Álbum foi impresso, portanto, não nos foi possível identificar se ele foi publicado antes ou durante a gripe espanhola).

O único memorialista do período a citar a epidemia é RUBIÃO (1919), no “Álbum da Varginha²²”, conforme pode ser lido abaixo.

4.12.2 - A população

Segundo RUBIÃO (op. Cit.), a população varginhense reagiu à epidemia com solidariedade (transcrição integral):

“A pandemia da gripe espanhola que já se fazia sentir nesta cidade desde outubro [de 1918], tomou grande incremento no mês de Novembro, principalmente entre a classe pobre²².”

“Felizmente, espíritos caridosos, muito auxiliados pelos Irmãos Maristas, puderam, ainda em tempo, organizar improvisados socorros, que muito aliviaram os sofrimentos dos desprotegidos da sorte, fornecendo-lhes alimentos, roupas, recursos médicos e medicamentos²².”

“Foi por isto, organizado no prédio da Casa de Caridade, um pequeno hospital, donde, sem medir esforços nem olhar perigos, acudiram as senhoras varginhenses, exemplo de solidariedade humana, para curar os atacados da assoladora epidemia²².”

5.0 - DISCUSSÃO

A epidemia de gripe espanhola no mundo foi do tipo propagada por exposição múltipla, que se transmite de pessoas doentes a pessoas saudáveis, através de um contato direto ou indireto. Esse tipo de propagação é característica da influenza.

A gripe atingiu principalmente a população rural, mesmo porque na época, a maioria da população varginhense residia no campo. Segundo ÁVILA (1983), usando *“da projeção de alguns índices oficiais ou estimativas referentes ao início do século, pode-se inferir que, no ano de 1907”* para *“uma população global de 13.962 habitantes (...) apenas cerca de três mil desse total”* residia na cidade. *“Isso revelaria percentuais aproximados de 78% para a população rural e 22% para a urbana¹⁸”*. Essa situação somente começaria a ser invertida a partir de 1940.

Alguns dos óbitos pesquisados especificavam que o falecimento ocorreu sem assistência médica. Nestes, não há anotação da causa da morte. Pode-se

supor, portanto, que alguns desses óbitos tenham sido pela gripe. Além disso, os dados apresentados evidenciam o incremento que a gripe espanhola teve no coeficiente de mortalidade geral do ano de 1918, pois 184 dos 539 óbitos registrados naquele ano foram devidos a gripe. Excluindo-se os óbitos pela gripe (539-184), ainda temos 355 óbitos para o ano de 1918, número bem acima da média do período 1916-1920. Isso pode significar que além dos óbitos incluídos nesta pesquisa como devidos à gripe espanhola (gripe e outras causas relacionadas: broncopneumonia e pneumonia), alguns dos óbitos devido a gripe espanhola podem ter sido registrados como outras causas. Infelizmente, não nos foi possível construir um instrumento técnico para identificar quantos deles poderiam estar nessa situação.

Em 1918, a população de Varginha não possuía recursos de assistência à saúde suficientes para possibilitar a tomada das medidas mais adequadas para combater a gripe espanhola e diminuir o número de contaminados. Os recursos materiais e humanos disponíveis mostraram-se insatisfatórios. A Santa Casa de Misericórdia (antiga Casa de Caridade)* era o único ambulatório médico da cidade e, segundo o memorialista RUBIÃO (1919), foi improvisado em hospital²². As vítimas foram atendidas e tratadas por médicos, farmacêuticos e voluntários, destacando-se a participação das senhoras varginhenses. A população varginhense percebeu, então, a fragilidade da assistência à saúde pública e a importância da instalação de um hospital no município.

* A fotografia (anônimo) da capa deste livro é uma reprodução fac-similar da Santa Casa de Misericórdia do Álbum de Varginha, de FONSECA & LIBERAL¹² (1920) (p. 90). No frontispício consta a inscrição Casa de Caridade. No entanto, os autores se referem a ela como Santa Casa de Misericórdia, o que não deixa dúvidas de que a Casa de Caridade foi transformada em Santa Casa de Misericórdia, como ocorreu também em várias outras cidades do Brasil. De acordo com o memorialista RUBIÃO (1919)²², a Casa de Caridade foi inaugurada em 6 de novembro de 1904.

O dossiê “Hospital Regional do Sul de Minas – Varginha (MG)”, do Conselho Deliberativo do Patrimônio Artístico e Cultural de Varginha (CODEPAC) (s.d.), constata essa realidade:

“A epidemia da Gripe Espanhola trouxe à tona a fragilidade e a carência médico-hospitalar de Varginha (...) ficando provado que a cidade necessitava urgentemente de um hospital.”

“Foi então que, em 1919, iniciou-se uma campanha [popular] para a construção do hospital da cidade.”

O Hospital de Varginha foi inaugurado com esse nome em 1.º de agosto de 1923. Em 1928, o hospital foi doado ao Estado e passou a se chamar Hospital Regional do Sul de Minas, nome que ainda mantém. Localizado na Avenida Rui Barbosa, n.º 158, centro, o Hospital continua em funcionamento até hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. Rio de Janeiro : Imago Editora, 1974. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XXI). Originalmente publicado em 1927.
2. DANIELS, Rod. (1998). In search of an enigma: the “Spanish Lady”. Virology. National Institute for Medical Research - London. Texto disponível no endereço eletrônico: <http://wb13.uol.com.br/cgi-bin/webmail.exe>. Acesso em 04.11.2002.
3. STEDMAN Dicionário Médico. 25ª edição. Rio de Janeiro : Editora Guanabara Koogan, 1996.
4. BEESON, Paul B. & McDERMONT, Walsh. Volume 1. 14ª edição. Rio de Janeiro : Editora Interamericana, 1977.

5. BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde – FUNASA. (2002). Guia de Vigilância Epidemiológica. Volume II – Influenza/Variola. 5ª edição. Brasília : FUNASA.
6. BOECHAT, José Laerte. Gripe: doença e prevenção. Sociedade Brasileira de Asmáticos. Disponível em http://www.asmaticos.org.br/jornal/jornal_4/gripe.html. Acesso em 17.01.2003.
7. D'AMARAL, Márcio Tavares. Rodrigues Alves. Coleção: A vida dos grandes brasileiros. Supervisão de Afonso Arinos de Mello Franco. Cajamar (SP) : Editora Três, 2001.
8. AZEVEDO, Altino. Do estudo clínico da gripe. Tese inaugural. Rio de Janeiro : Tipografia Leuzinger. Tese apresentada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1919.
9. Revista Médico-cirúrgica do Brasil. Ano XXVII, nº 3. A influenza nos Estados Unidos da América do Norte (extraído e traduzido do The Journal of the American Medical Association, de 21 de dezembro de 1918). Março de 1919.
10. _____ Ecos da gripe. A opinião de um cientista francês: o Dr. Folley.
11. AGOSTINO, Gilberto. É proibido tossir – breve história da gripe espanhola. Texto publicado no Jornal dos Sports Vestibulando, n.º 5, 1999.
12. FONSECA, Sylvestre & LIBERAL, João. (1920). Álbum de Varginha. São Paulo : Pocaí & C.
13. LEFORT, José do Patrocínio. (1950). Varginha: monografia histórico-geográfica e estatístico-religiosa pelo centenário da paróquia a 1.º de junho de 1950. São Paulo : Gráfica São José.
14. MALETTA, Carlos Henrique Mudado. 1918 – E a pandemia de gripe espanhola chegou a Belo Horizonte, in A cidade e os cidadãos: Belo Horizonte – 100 anos. Belo Horizonte, 1997.

15. Texto: Grippes e Resfriados. Disponível em <http://www.saudebrasilnet.com.br/documentarios/grippes.asp> Acesso em 17.01.2003.
16. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Epidemiologia e Serviços de Saúde. Revista do Sistema Único de Saúde do Brasil. Mudanças nos padrões de morbimortalidade da população brasileira: desafios para um novo século. CARMO, Eduardo Hage; BARRETO Lima, Maurício & SILVA Jr., Jarbas Barbosa da. Volume 12, n.º 2, p. 63-75, abril/junho, 2003.
17. SALES, José Roberto. Espírito Santo da Varginha 1763-1920. 1ª edição. Varginha : Gráfica Editora Sul Mineira, 2003.
18. ÁVILA, Affonso Celso. (1983). Varginha : formação e evolução, in: Evolução urbana e meio ambiente, volume 13, n.ºs 7/8, julho/agosto. Belo Horizonte : Fundação João Pinheiro.
19. FORATTINI, Oswaldo P. Epidemiologia geral. (?) : Artes Médicas, 1986.
20. GOODMAN GILMAN. As bases farmacológicas da terapêutica (Capítulo 41: Drogas utilizadas na quimioterapia de infecções por protozoários, Leslie T. Webster, Jr.). 8ª edição. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1991.
21. CAPRI, Roberto. “Álbum Minas Geraes”. São Paulo : Pocaí & C, 1918.
22. RUBIÃO, Luiz José Álvares. Álbum da Varginha. Varginha : Casa Maltese, 1919.

OBRAS CONSULTADAS

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Saúde. Superintendência de Epidemiologia. (2001). Curso básico de vigilância epidemiológica. 136 p. Belo Horizonte.

BRASIL. Ministério da Previdência e Assistência Social. (1980). INPS – INAMPS – DATAPREV. Classificação

Internacional de Doenças. Edição reduzida da revisão de 1975. 2ª impressão. Baseada nas recomendações da 9ª Conferência de Revisão em 1975 e adotada pela 20ª Assembléia Mundial de Saúde. (?) : Gráfica do INAMPS.

JORNAIS (1918)

A JUSTIÇA. Órgão político social. Ano I, n.º 37, p. 1. Artigo: Gripe Espanhola. São Gonçalo do Sapucaí, 27 de outubro de 1918.

COLOMBO. Semanário independente, político, literário e noticioso. Ano II, n.º 60, p. 3 (não numerada). Campanha, 4 de novembro de 1918.

DOCUMENTOS

1. Livro n.º 10 dos assentos de óbitos da Paróquia da Varginha do ano de 1915-1916-1917. Bispado da Campanha. Paróquia do Divino Espírito Santo.
2. Livro n.º 11 dos assentos de óbitos da Paróquia da Varginha do ano de 1917-1918 – Bispado da Campanha. Paróquia do Divino Espírito Santo.
3. Livro n.º 1 do registro dos enterramentos no Cemitério Municipal. Prefeitura Municipal de Varginha. Museu Municipal.
4. Livro de Atas da Câmara Municipal de Varginha. 1918. Museu Municipal de Varginha.
5. Código de Posturas da Câmara Municipal da Cidade de Varginha. Lei n.º 357, de 19 de setembro de 1918. Estatuto Municipal. São Paulo : Casa Mayença – Paternostro Irmãos & Comp. ; 132 p. Publicado em 1919.
6. Carta datilografada de Samuel Libânio, Diretor de Higiene do Estado de Minas Gerais à Câmara Municipal de Varginha. 1.º de janeiro de 1920. Museu Municipal de Varginha.

DOSSIÊ

Dossiê do Hospital Regional do Sul de Minas – Varginha (MG). Mimeo. Conselho Deliberativo do Patrimônio Artístico e Cultural de Varginha (CODEPAC). (s.d.). Varginha : CODEPAC.

DICIONÁRIO

Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro : Editora Objetiva, 2001.

ANEXOS

Aos 13 de novembro de 1918 foi convocada uma sessão extraordinária da Câmara Municipal de Varginha para tratar das medidas urgentes a serem tomadas, devido ao grande número de vítimas da gripe espanhola na cidade. Abaixo, transcrição integral da ata (Livro de Atas da Câmara Municipal de Varginha. Museu Municipal de Varginha).

“ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA de 13 de novembro de 1918”

“Presidente – Affonso de Oliveira Castro”

“Secretário – Evaristo Gomes de Paiva Júnior”

“Aos treze dias do mês de Novembro de mil novecentos e dezoito, em o Paço da Câmara Municipal da Cidade de Varginha, a hora regulamentar, aí presentes os vereadores Affonso de Oliveira Castro, Severino Cândido da Silva Villela e José Marcelino Teixeira, faltando com causa participada o vereador José Fortunato de Almeida e sem ela os Snrs. José Augusto de Paiva, José Francisco de Oliveira e Domingos de Resende. Depois de feita a chamada verificando o snr. Presidente não haver número legal disse que “Sendo o Agente Executivo Municipal de acordo com o art. 39, parágrafo 20, competente para providências, como estiver ao seu alcance, nos casos imprevistos de epidemia, etc., etc. e bem assim distribuir os socorros públicos fornecidos pela Câmara, em caso de calamidade pública, prestando a mesma suas contas, convoquei os senhores vereadores para a presente sessão extraordinária, para com suas luzes sugerissem alguma idéia vantajosa para minorar o sofrimento das classes assoladas pelo terrível mal, como não tenham comparecido atestando assim o descaso que

lhes merece essas classes, declaro não haver sessão por falta de número e agradeço o comparecimento dos senhores presentes.” E nada mais havendo a tratar-se lavrei a presente ata que assinam. Eu, Eu, Evaristo Gomes de Paiva Júnior, Secretário a escrevi.”

“Affonso de Oliveira Castro”

“Severino [Cândido da Silva] Villela”

“José Marcellino Teixeira”

FREQUÊNCIA DE ÓBITOS POR INFLUENZA (CID 10: J10, J11)
MINAS GERAIS 2000-2003

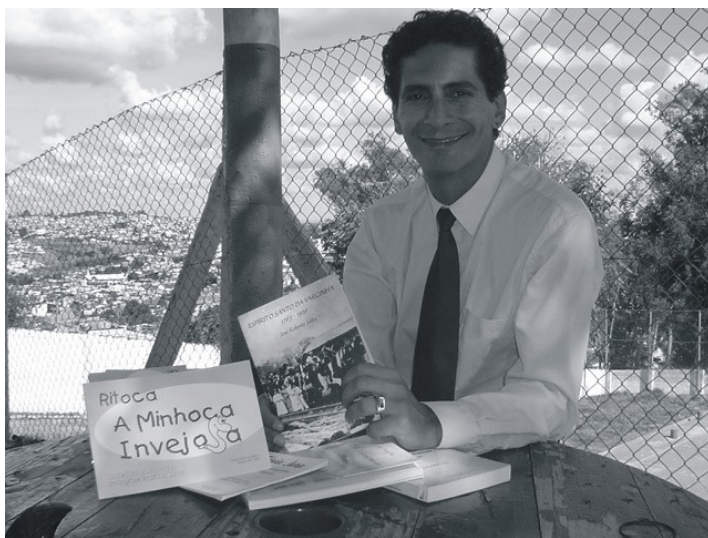
ANO	CAUSA		TOTAL
		J10 (1)	J11(2)
2000	1	5	6
2001	4	11	15
2002	3	10	13
2003	3	10	13
TOTAL	11	36	47

Fonte: Diretoria de processamento e monitoramento de dados epidemiológicos (DPMDE/SES/SUS/MG).

(1) Influenza devido a vírus influenza identificado: com pneumonia, com outras manifestações respiratórias e com outras manifestações.

(2) Influenza devido a vírus não identificado: com pneumonia, com outras manifestações respiratórias e com outras manifestações.

O AUTOR



Fotografia Jany Oliveira – abril de 2004

O autor, durante o lançamento do livro “Ritoca, a minhoca invejosa”, na Escola Municipal Luiz de Melo Viana Sobrinho, em Varginha, no dia 23 de abril de 2004.

LIVROS PUBLICADOS PELO AUTOR

As fichas abaixo, elaboradas pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, contém os principais itens de identificação dos livros do autor.

2000. Saúde mental no município de Varginha (MG). Serviço e estudo da demanda ambulatorial. Varginha, MG : Gráfica Editora Sul Mineira. 348 p. , ilustrado, 21 cm. ISBN 85-901508-1-X (brochura). Inclui bibliografia. Classificação: 362.21098151. Assuntos: Reforma Psiquiátrica, serviços públicos ambulatoriais de saúde mental, política de saúde mental, serviço de saúde mental em Varginha.

2002. A memória dos sentidos. Varginha, MG : Gráfica Editora Sul Mineira. 114 p. : ilustrado; 21 cm. ISBN 85-901508-2-8 (brochura). Classificação: B869.3. Assunto: romance ficcional-histórico sobre a cidade de Varginha.

2002. Estrutura organizacional dos ambulatórios de saúde mental da Diretoria Regional de Saúde de Varginha (MG) – Ano 2000 / Organizational structure of mental health ambulatory of Health Regional Direction Varginha, MG, Brazil, 2000. Belo Horizonte : Minas Gerais. Secretaria da Saúde. Coordenadoria de Saúde Mental; 2002. 40 p. tab. Resumo: Apresenta estudo descritivo sobre a organização e funcionamento dos ambulatórios de saúde especializados em saúde mental dos municípios jurisdicionados pela Diretoria Regional de Saúde de Varginha, no sul de Minas Gerais. Contribui para epidemiologia dos serviços ambulatoriais de saúde mental, tal como estão sendo construídos em Minas Gerais, dentro dos preceitos da Reforma Psiquiátrica (AU)*.

_____idem. 2ª edição. 46 p. ; 21 cm.

2003. Tânia Jura : a formiguinha vaidosa; ilustrações: Evanilton Antonio. Varginha, MG : Gráfica Editora Sul Mineira. [18] p. : ilustrado; 15 cm. ISBN 85-901508-3-6 (brochura). Classificação: 808.899282. Escrito em novembro de 1993.

2003. Espírito Santo da Varginha (MG), 1763-1920. Varginha, MG : Gráfica Editora Sul Mineira. 380 p. : ilustrado; 22 cm. ISBN 85-901508-4-4 (brochura). Classificação: 981.51. Assunto: Varginha (MG) – História.

2004. Ritoca : a minhoca invejosa; ilustrações: Evanilton Antonio. Varginha, MG : Gráfica Editora Sul Mineira. 17 p. : ilustrado; 14 cm. ISBN 85-901508-6-0 (brochura). Classificação: 808.899282.

* Ficha elaborada pelo Ministério da Saúde. Base de dados: LILACS.